



## GT 006. Alimentação, Cultura e Direitos Sociais

Talita Prado Barbosa Roim (Universidade Federal de Goiás) - Coordenador/a, Rogéria Campos de Almeida Dutra (Universidade Federal de Juiz de Fora) - Coordenador/a, Maria Eunice de Souza Maciel (UFRGS) - Debatedor/a, Sandra Simone Queiroz de Moraes Pacheco (UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA) - Debatedor/a, Talita Prado Barbosa Roim (Universidade Federal de Goiás) - Debatedor/a

O projeto de construção de uma comunidade global baseada em padrões universais e progressivos de decisão, moralidade e dignidade humanas constitui uma das grandes transformações do século XX, tendo como marco significativo a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Nesse âmbito, o Direito Alimentar tem sido objeto da reflexão antropológica desde 1940 e a crescente sua participação no debate contemporâneo em função de sua interconexão com a crise alimentar em suas diferentes facetas, tais como: mecanismos institucionais de poder e práticas administrativas, relações de dominação entre grupos e nações, crise ecológica e produção em larga escala, concentração de renda e empobrecimento de grandes contingentes populacionais, relações entre saberes tradicionais e saber científico etc. No Brasil, a Constituição de 1988 representou um avanço significativo na possibilidade de consolidação de um conjunto de Direitos Sociais, dos quais a alimentação ocupa um lugar central, seja na efetivação da dignidade humana e cidadania, seja na possibilidade dos grupos sociais reproduzirem suas existências nos seus lugares de atuação. Assim, o GT busca assegurar e ampliar o espaço de discussão da Antropologia da Alimentação e colocar em perspectiva questões relativas aos riscos e controvérsias sobre a segurança alimentar e nutricional, dos ativismos políticos e das políticas públicas, que assegurem o direito à alimentação, soberania e cultura alimentar nos seus aspectos multidimensionais.

### Percepções e apropriações do comer nos fluxos migratórios

**Autoria:** Bruna Pratesi de Oliveira

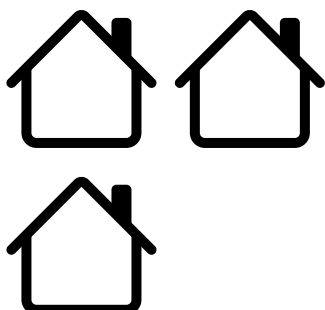
Aqui estão todos, certo? Todas as nações estão nesta cidade. Trazer algo assim para São Paulo é agregar ainda mais a essa diversidade e, mais do que isso, mostrar a cultura de refugiados é trazer um outro nível de resiliência. A seguinte fala é de Joanna, empreendedora e refugiada síria em entrevista para uma reportagem em agosto de 2018. Sua fala ilustra a recorrência recente de notícias que lançam luz ao florescimento da culinária que chega ao Brasil fugindo da guerra em forma de narrativas de recomeço e esperança em grandes cidades brasileiras. O retrato é composto por famílias e pessoas sírias, venezuelanas, congolezas (entre outras) partindo de seu país pela falta de direitos fundamentais como o direito à alimentação e buscando mobilidades e reconhecimento no país de destino. Valores atreladas aos sentidos do comer circulam nas redes midiáticas atraindo um crescente gosto pela diversidade e produzindo um imaginário de interações cosmopolitas: Se você quer comida étnica de verdade, vá às casas dos refugiados sírios. Aos chineses da Liberdade. Aos africanos. Aos árabes tradicionais. Tais discursos acabam por ofuscar desigualdades nas equações de poder e relações localizadas. Neste sentido, o ideal de comensalidade, ao mesmo tempo que evoca a soberania e produz a possibilidade de uma maior presença política, corre o risco de essencializar a ideia de cultura expressa nos discursos integracionistas. Na via de oxigenar as discussões sobre culturas alimentares, o work pretende investigar os discursos costurados às expressões culinárias e cozinhas de grandes cidades brasileiras no que tange os sentidos atribuídos à categoria de refugiados enquanto valor na comodificação (Comaroff, J; Comaroff, J, 2009) do comer. Nesta



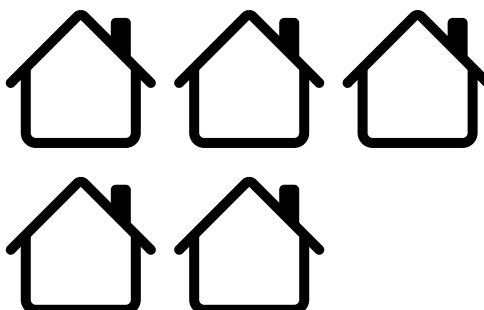
esteira, pretendo refletir sobre a circulação de significados, nas mídias digitais, com fins de realizar uma pesquisa etnográfica e refletir sobre o imaginário dos refugiados e suas cozinhas na concepção de comunidade global. O estudo se pretende enquanto parte de uma pesquisa que busca reflexões interseccionais e que trazem uma lente multirracial para os estudos dos percursos alimentares e direito à cidade. Ao provocar uma articulação entre o trânsito de símbolos e informações nos discursos do comer, podemos aprofundar as discussões sobre inclusão e participação e o direito à alimentação. O work buscará explorar questões como: Quais ressemantizações da experiência migratória circulam nas mídias e notícias? O que a ideia de ?culinária refugiada? comunica e quais seus efeitos na indústria da identidade? Quem tem direito à alimentação nesse enredo e quais são os limites entre o discurso da comensalidade e as práticas assimilacionistas? Qual o sabor autêntico da atual experiência migrante no projeto de modernidade?



**Realização:**



**Apoio:**



**Organização:**

